

## Narrativas escritas: leituras de si (e do outro) como experiência autoformativa nas pesquisas em educação

### Resumo

A proposta deste artigo é analisar narrativas escritas utilizadas em uma pesquisa de natureza qualitativa que resultou em uma tese na área da Educação. As narrativas foram produzidas por acadêmicas do último semestre de um curso de Licenciatura em Pedagogia, buscando conhecer as memórias constitutivas do tornar-se professor e suas construções acadêmicas sobre um determinado tema, a saber, as infâncias; ao mesmo tempo, ambiciona-se contribuir com o leitor para a instrumentalização do uso desse modo de produzir dados em pesquisas na área da Educação. Tal modo de produzir dados é entendido para além de uma metodologia, configurando-se também em uma potente ferramenta formativa, uma vez que coloca as acadêmicas em contato com suas memórias, oportunizando reflexões que resultam em experiências para sua vida. O referencial teórico para operar com as narrativas sustenta-se nos estudos de Abrahão (2004, 2011), Bueno (2002), Cunha (1998), Errante (2000), Ferrer (1995), Josso (2004), Thomsom (1997) e Wittizorecki (2006). Como resultados, considerando a individualidade de cada acadêmica, foi possível promover um espaço de escrita e leitura, de si e do outro, uma vez que as narrativas também produziram marcas coletivas no que concerne à continuidade daquela turma e do curso de Pedagogia, além de assegurar a essa ferramenta de produção de dados empíricos o status investigativo e formativo.

Palavras-chave: narrativas escritas; metodologia; pesquisa em educação; formação de professores.

### Samantha Dias Lima

Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia do Rio Grande  
do Sul – IFRS – Farroupilha/RS –  
Brasil  
samanthalima06@gmail.com

### Para citar este artigo:

LIMA, Samantha Dias. Narrativas escritas: leituras de si (e do outro) como experiência autoformativa nas pesquisas em educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 56, p. 307-322, set./dez. 2023.

DOI: 10.5965/1984723824562023307

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723824562023307>

## Written narratives: readings of the self (and the other) as a self-educative experience in research in education

## Narrativas escritas: lecturas del sí (y del otro) como experiencia autoformativa en las investigaciones en educación

### Abstract

This paper aims to analyze written narratives used in a qualitative research that resulted in a thesis in the Education area. The narratives were produced by academics in the last semester of a Degree in Pedagogy, seeking to know the constitutive memories of becoming a teacher and their academic constructions on a certain theme, namely, childhoods; at the same time, the aim is to contribute with the reader to the instrumentalization of the use of this way of producing data in research in the field of Education. More than a methodology, this way of producing data is also understood as a powerful educational tool, since it put the students in contact with their memories, thus favoring reflections that result in life experiences. The theoretical basis used to operate with the narratives is grounded on studies by Abrahão (2004, 2011), Bueno (2002), Cunha (1998), Errante (2000), Ferrer (1995), Josso (2004), Thomsom (1997) and Wittizorecki (2006). As a result, considering the individuality of each academic, it was possible to provide a space for reading and writing of the self and the other, as the narratives also produced collective marks regarding the continuity of both that group and the Pedagogy course, besides guaranteeing an investigative and educational status to this tool of empirical data production.

**Keywords:** written narratives; methodology; research in education; teacher education.

### Resumen

Este artículo tiene como propuesta analizar las narrativas escritas utilizadas en una investigación de naturaleza cualitativa que resultó en una tesis en el campo de la Educación. Las narrativas fueron producidas por académicas del último semestre de un curso de Licenciatura en Pedagogía, buscando conocer las memorias constitutivas del convertirse en profesor y sus construcciones académicas sobre un determinado tema, a saber, las infancias; al mismo tiempo, se ambiciona contribuir con el lector para la instrumentalización del uso de ese modo de producir datos en investigaciones en el campo de la Educación. Tal modo de producir datos se entiende más allá de una metodología, configurándose también en una poderosa herramienta formativa, una vez que pone a las académicas en contacto con sus memorias, oportunizando reflexiones que resultan en experiencias para su vida. El marco teórico para operar con las narrativas se basa en los estudios de Abrahão (2004, 2011), Bueno (2002), Cunha (1998), Errante (2000), Ferrer (1995), Josso (2004), Thomson (1997) y Wittizorecki (2006). Como resultados, considerando la individualidad de cada académica, fue posible promover un espacio de escritura y lectura, de sí y del otro, una vez que las narrativas también produjeron marcas colectivas en lo que respecta a la continuidad de esa clase y de la carrera de Pedagogía, además de asegurar a esta herramienta de producción de datos empíricos el estatus investigativo y formativo.

**Palabras clave:** narrativas escritas; metodología; investigación en educación; formación de profesores.

## Notas introdutórias

A proposta deste artigo é analisar o emprego de narrativas escritas por formandas<sup>1</sup> do último semestre de um curso de Licenciatura em Pedagogia, buscando conhecer as memórias constitutivas do tornar-se professora e as construções acadêmicas sobre um determinado tema, a saber, as infâncias. Além disso, ambiciona-se contribuir com o leitor que se interessa pelas narrativas escritas como modo diferenciado de produzir dados em pesquisas na área da Educação.

A partir de reflexões teóricas e analíticas sobre as narrativas escritas, procura-se mostrá-las como um potente recurso investigativo na pesquisa/formação de professores. Sendo simultaneamente um recurso investigativo e formativo, as narrativas escritas, mediadas pelas tecnologias digitais, podem ser uma alternativa para a continuidade das pesquisas em andamento, ou mesmo para início de outras, pois os pesquisadores delas poderão fazer uso de modo seguro nesses tempos pandêmicos.

Este texto articula o uso das narrativas escritas e reconhece a potência dessa estratégia metodológica na produção de dados inéditos, em especial no campo da Educação, também pelo seu caráter formativo. Aponta também os desafios desse modo de fazer pesquisa; ao evocar a memória das participantes, podem-se rememorar tanto vivências felizes e satisfatórias, quanto episódios desventurosos que, de certa maneira, estavam “esquecidos”.

O texto está organizado em cinco seções, iniciando por essas “Notas introdutórias”. Na sequência, trazem-se as “Narrativas escritas como ferramenta autoformativa”. A terceira seção aborda “As narrativas como escrita/leitura de si e do outro”, sendo seguida pela quarta, “Dos desafios do uso das narrativas escritas”. A última traz as “Notas finais: Narrativas como possibilidade de *enxergar o mundo*”.

---

<sup>1</sup> Optou-se por utilizar o gênero feminino na referência às participantes da pesquisa por serem, na sua maioria, mulheres.

## Narrativas escritas como ferramenta autoformativa

A escrita deste texto é também um rememorar de pesquisadora dos arquivos de uma tese na área da Educação, com foco na constituição docente frente à temática das infâncias contemporâneas, tendo como materialidade analítica as narrativas escritas de nove formandas de um curso de Licenciatura em Pedagogia da região metropolitana (RS). Ressalta-se que este texto não terá como enfoque as questões das infâncias, objeto da investigação, e sim o modo de produção dos dados – as narrativas escritas. A escolha dessa forma de produzir dados é intencional, uma vez que não existe neutralidade nas pesquisas que desenvolvemos.

O modo com que pesquisamos e, portanto, o modo como conhecemos e também como escrevemos é marcado por nossas escolhas teóricas e por nossas escolhas políticas e afetivas. [...] a eleição de um determinado caminho metodológico está comprometida com as formulações teóricas que se adota. (Louro, 2007, p. 213-214)

Com relação às escritas de narrativas de vida e/ou de formação, percebe-se que, gradativamente, elas vêm ocupando um espaço privilegiado nos estudos das Ciências Humanas, principalmente pela valorização dos atores sociais, de forma que se possa romper um determinismo da História em relação às histórias (Teixeira, 2003). Na área de Educação, mais especificamente, as narrativas surgem como uma fonte importante de estudo, apesar de seu uso ser relativamente recente, embora tenha sido uma importante fonte de pesquisa nas décadas de 1920 e 1930 pela Escola de Chicago (EUA), sendo retomada no cenário educativo nos anos de 1980.

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Por esta razão, sabe-se, desde o início, trabalhando antes com emoções e intuições do que com dados exatos e acabados; com subjetividades, portanto, antes do que com o objetivo. (Abrahão, 2004, p. 80)

Na formação de professores, a escolha dessa estratégia metodológica se dá pelos efeitos também na formação de professores que está sendo produzida. De acordo com Errante, “entre os pesquisadores educacionais, defende-se mais o uso de narrativas como uma estratégia de pesquisa do que o detalhamento da discussão de métodos particulares para o engajamento no trabalho narrativo” (ERRANTE, 2000, p. 142).

Segundo Lima, acerca do uso das narrativas escritas na pesquisa em Educação:

Outro aspecto para o uso deste delineamento metodológico considera o emprego das narrativas em situações de pesquisa e de ensino, uma vez observado os processos vividos pelos participantes, sendo necessário estar atento aos objetivos propostos, onde ambos os envolvidos (pesquisadora e participantes da pesquisa) possam dialogar sobre expectativas a serem vivenciadas com a produção das narrativas, bem como as sensações decorrentes da experiência da escrita. (Lima, 2017, p. 241)

Na pesquisa desenvolvida, foram abordadas com as participantes as questões da ética na pesquisa com seres humanos, seguindo as orientações constantes na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016). As participantes tiveram ciência do trabalho a ser desenvolvido e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi entregue a cada uma delas, inclusive sinalizando os riscos, que neste caso envolviam os sentimentos e possível desconforto com as memórias evocadas.

Ainda sobre o uso das narrativas como ferramenta potente na constituição dos futuros professores, Cunha (1998) diz que, em propostas de produção de conhecimento, as narrativas são recomendadas, pois podem ser acionadas como ponto de partida ou de chegada ao objeto a ser conhecido. A escolha desse instrumental fundamenta-se, ainda, na ideia de que a narrativa provoca mudanças na forma como as acadêmicas, neste momento tomando como amostra as formandas de Pedagogia (com idades entre 25 e 51 anos, sendo oito mulheres e um homem) compreendem a si e aos outros, pois

[...] quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida, dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (Cunha, 1998, p. 39)

Embora se reconheça a narrativa como uma potente ferramenta metodológica de construção de (auto)conhecimento, é relevante considerar que existem algumas limitações no processo, também ocorridas na pesquisa, como a insegurança quanto à produção de um texto e à sua relevância/contribuição para com a pesquisa/pesquisadora. Algumas acadêmicas verbalizaram o sentimento de insegurança também quanto ao valor do que escreviam, além da expectativa de como seria o uso dos materiais que produziam, mesmo que esse ponto em particular tivesse sido conversado na entrega do TCLE. Contudo, como já foi dito, as narrativas, além de serem um procedimento metodológico significativo para conhecermos, analisarmos e refletirmos sobre um contexto, no campo da formação de professores, são um potente recurso autoformativo, uma vez que as acadêmicas, ao retomarem suas vivências, têm a possibilidade de ressignificá-las.

### As narrativas como escrita/leitura de si e do outro

Como aponta Bueno (2002), em relação a professores, o texto autobiográfico é um instrumento recorrentemente aplicado para a discussão da formação. Na pesquisa realizada, teve-se o intuito de mobilizar as narrativas, valorizando a participação das formandas, de modo que ficasse evidente que suas contribuições mediante suas escritas não seriam apenas objeto de análise, tendo também um espaço de protagonismo no estudo. Associo-me com Ferrer quando diz que “a narração do conhecimento outorga compreensão da realidade, [...], pois o escrito explica a vida” (Ferrer, 1995, p. 166).

Evocar memórias para a participação em um estudo, além de um ato colaborativo, exige comprometimento consigo e com o outro. Thomsom escreveu que, “ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser” (Thomsom, 1997, p. 57). A seguir, apresento o excerto de uma narrativa, integrante de um conjunto de entrevistas realizadas em 2015, que traz a memória da *Participante 1* sobre sua vida escolar.

Além desta identificação pessoal, **alguns dos professores** que tive durante **minha etapa escolar foram** muito importantes ao me incentivarem com o seu bom exemplo, **para que eu também** decidisse seguir esta profissão, que chamo de “missão” de vida. (Participante 1, grifo próprio)

A narrativa da participante 1 mostra que essa memória da sua etapa escolar marcou suas escolhas futuras – como disse Thomsom (1997), o que éramos e o que gostaríamos de ser. Para Pinto, “mais do que pura representação, a memória afirma-se diferentemente da história pela **capacidade de assegurar permanências**, manifestações sobreviventes de um passado [...]. Memória como lugar de persistências, de continuidade, de capacidade de viver o já existente” (Pinto, 2001, p. 295, grifo próprio). Parte-se do pressuposto de que a participante reflete sobre episódios da sua vida por meio da sua *escrita*, e isso promove uma *leitura de si* e a possibilidade de que (re)construa *a imagem de si para si e para os outros*. Tal imagem é constituída, primeiramente, com a rememoração dos fatos que fazem parte da história a ser narrada e, posteriormente, com a reflexão sobre ela.

A narrativa, ainda que permita liberdade às participantes por ser uma metodologia menos engessada, lhes possibilita fazer escolhas, eleger o *quê* e *como* será contado. Como escreveu Abrahão (2011), “[...] a **verdade** é o que é **verdadeiro** para o narrador, porque as narrativas são ressignificadas no momento da narração, dada a natureza reconstrutiva e seletiva da memória” (Abrahão, 2011, p. 167, grifo próprio). A memória nem sempre é resultado de linearidades temporais; estamos trabalhando com *memórias narrativas*, reconstrutivas e seletivas por excelência.

O aporte das narrativas nesta pesquisa possibilitou visualizar as interseções nas memórias das participantes que se disponibilizaram a vivenciar esse processo de *rememorar e refletir* sobre sua trajetória de constituição/formação acadêmica, com suas escritas sobre a representação do que viveram.

Deste modo, o ganho metodológico passa a ser também pedagógico, as narrativas proporcionam as participantes mais intensidade e liberdade para expor-se e abrir-se, uma vez que permiti ao sujeito ir e vir na sua escrita, ao mesmo tempo em que foi possibilitando compreender seus pensamentos, suas ações e também seus limites. (Lima, 2017, p. 242)

A escrita de narrativas promove uma intersecção com o passado, que agora pode ser *aprendido* como presente em forma de narrativa. Os modos de construção desses registros referentes ao passado revelam uma determinada *consciência* da realidade,

transformada em fato histórico, passível de ser narrado por seus atores. Há de se considerar a temporalidade histórica presente nas concepções de *memória*, *identidade*, *subjetividade* e *realidade*, que são individuais em cada participante, o que potencializa a diversidade de dados em uma mesma investigação, pois lidamos com pessoas e com suas especificidades, ou seja, com a produção de sentidos que cada narrativa constrói.

### A produção de sentidos pelas narrativas escritas

Nesta seção, discorre-se sobre a produção de sentidos a partir de narrativas, iniciando com um escrito de Larrosa: “quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos” (Larrosa, 2018, p. 13). Ainda que Larrosa não estivesse falando sobre narrativas escritas, coloca em evidência o cuidado que devemos ter com as palavras ditas/escritas e com os sentidos que elas produzem – em nós e nos outros. Nesta seção, apresento alguns excertos que trazem memórias das participantes, com um breve ensaio sobre os sentidos atribuídos por mim na pesquisa.

**Eu nunca pensei**, em toda a minha vida, que seria professora. Eu não me achava capaz, eu entrei no curso muito insegura e me apaixonei aos poucos. Vi que realmente eu era capaz. Eu me superei em todas as maneiras possíveis que nem eu imaginava [...] (Participante 2, grifo próprio).

No excerto da narrativa da participante 2, podemos ver que a sua escrita narra o que ela nunca havia pensado, mas, com o exercício de narrar-se, pôde voltar a esse tempo/lugar em que não se achava capaz de ser professora. Esse (re)encontrar-se por meio das palavras narradas possibilita a produção de sentidos diferenciados em cada participante, uma vez que a *narrativa escrita* não é apenas a narração de vivências e, conseqüentemente, um registro escrito, mas configura-se em aprendizagem não só pelo vivido, como também pela (re)organização dessas vivências e, principalmente, pela *produção de sentidos* resultante dessas experiências.



Muitas vezes, após a escrita, é preciso um momento para compreender e interpretar o que foi escrito e o que pretendia ser dito. Conforme Josso (2004), esse é um processo difícil, pois se trata de compreender a lógica de si e a do outro na construção de cada narrativa, de cada história. A autora diz que o formador forma a si próprio a partir de quatro grandes instâncias: 1) por meio da reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (autoformação); 2) na relação com os outros, em uma aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (heteroformação); 3) por intermédio das coisas (saberes, técnicas, culturas, artes, tecnologias); e 4) pela compreensão crítica (ecoformação).

Isso faz com que se assumam as narrativas como algo além de uma estratégia metodológica – como uma ferramenta de/para autoformação, tomada de consciência e construção de críticas e saberes pelas acadêmicas. Parte-se da premissa de que, quando se fala de si, além de reflexão sobre a experiência vivida, existe a possibilidade de aprofundar/estreitar essa experiência com a nova realidade (atual) – na pesquisa, deslocando-se de aluno a professor.

*Penso que ser Pedagogo(a) é não estar plenamente satisfeito com o que já compreendemos e ir além, buscar mais e mais sempre. (Participante 6 – grifos meus)*

*Nesta caminhada, **percebo que a Pedagogia** é a melhor escolha para quem acredita na transformação das pessoas, na busca constante de conhecimentos, na troca de experiências e vivências que geram o aprendizado para a vida toda, pois acredito realmente que a Pedagogia torna os seres humanos mais “humanos”, capazes de serem sujeitos pensantes, conscientes, críticos, agentes protagonistas da sua própria história no mundo. (Participante 1, grifo próprio)*

Os excertos escolhidos trazem o registro desse *deslocar-se* de duas formandas, que, ao mesmo tempo em que se autoconhecem, se autoformam e se ecoformam. Considerando o dito por Josso (2004), isso faz com que a pesquisadora fique frente a histórias vividas, conheça a visão de mundo das formandas e, principalmente, perceba as construções universitárias que constituem a sua formação, formação esta da qual a professora-pesquisadora participou. As participantes registram que se modificaram na trajetória do curso de Pedagogia. Marcam isso na escrita, pois estão lendo a si, mas ao

mesmo tempo o fazem a partir do contexto formativo em que se encontram, de relação com o outro, mas principalmente pela oportunidade de se narrarem, que, além de um processo textual, é a *produção de sentidos* implicada nesse fazer, conforme proposto no título desta seção.

Cabe pontuar que, neste texto, opero com o conceito de experiência tratado por Josso (2004), para quem as *experiências formadoras* são uma alternativa para os formandos produzirem algo que tenha sentido para eles, saberes que com certeza serão fundantes na sua formação acadêmica e prática profissional. Para entendermos esse conceito de *experiência formadora*, precisamos considerar que nem tudo que vivemos é *experiência*; enquanto não refletimos sobre os fatos, podemos entendê-los apenas como *vivências*. O exercício da *reflexão* sobre os momentos vividos é que confere a esse processo o *status* de experiência. Contudo, trata-se de um movimento muito complexo, uma vez que

A capacidade de narrar a si mesmo, além de envolver a capacidade de refletir sobre a experiência vivida, pode ajudar a entender e a organizar a realidade social e, desta forma, oferecer melhores condições para que os sujeitos possam transformar a própria realidade. (Wittizorecki et al., 2006, p. 23)

É importante considerarmos, ainda, que as pesquisas que optam pelo emprego das narrativas, sejam estas escritas e/ou orais, revelam percursos intelectuais próprios e também uma concepção de *legado*, que pode ser entendido como as *escritas e leituras de si e do outro*. São essas sutis nuances de memórias e sentidos provocados que sensivelmente se buscou investigar nas narrativas das nove formandas do curso de Pedagogia analisado, promovendo uma espécie de exercício de *produção de sentido* das suas memórias, o que resulta na *escrita e leitura de si e do outro em experiências de (auto)formação* que envolveram tanto as formandas quanto a pesquisadora.

Dessa forma, a escolha das narrativas, entendendo-as também enquanto memoriais de formação, pretendeu oportunizar às formandas, enquanto escreviam seus memoriais, possibilidades de *rememorar* o já vivido, agora de outro lugar e com outros instrumentais para analisar os fatos. Tratava-se de refletir sobre as experiências tidas, como as que levaram à escolha do curso de Pedagogia e ao trabalho com crianças

pequenas, entre outras decisões tomadas. Ao mesmo tempo, ao ser experienciada a narrativa, este se torna um momento formativo, pois decisões de vida são revisitadas, refletidas, ganhando um status de *conscientização* do vivido.

Abrahão (2011) entende os memoriais de formação como o processo resultante de rememoração com reflexão sobre fatos, expressos em forma de narrativas escritas e/ou orais, que produzam sentido para o sujeito, *formando*, e que tenham como intenção clarificar e/ou ressignificar questões referentes à sua própria constituição, uma vez que a intencionalidade é condição essencial para que haja formação.

[...] narrador, elaborador do próprio memorial, ser realmente o sujeito da narração (embora dela também seja objeto), consciente de que a reflexão empreendida é elemento *sine qua non* para a compreensão da própria formação e, ainda de que o momento de narração, nos moldes aqui entendidos, é também ele, **momento formativo**. (ABRAHÃO, 2011, p. 166)

A cronologia nem sempre é fiel aos aspectos temporais. Podemos dizer que tem em si uma natureza tridimensional, que considera passado-presente-futuro, estando comprometida com a experiência do sujeito, e não com a linearidade dos fatos vividos. Para Abrahão, “a natureza temporal tridimensional da narrativa, tendo em vista que essa rememora o passado com olhos do presente e permite prospectar o futuro, é razão pela qual o próprio discurso narrativo não procura necessariamente obedecer a uma lógica linear e sequencial” (Abrahão, 2011, p. 166).

Considerando o exposto, não se pretende trazer o aporte das narrativas como uma receita a ser tomada, pois, como alerta Larrosa (2018), há de se ter muito cuidado (e respeito) com as palavras. A próxima seção traz um pouco mais sobre os desafios do uso das narrativas.

## Dos desafios do uso<sup>2</sup> das narrativas escritas

Mesmo reconhecendo a potência dessa escolha metodológica, assumem-se os riscos que estão implícitos, tais como: a busca por participantes, as dificuldades na própria produção das narrativas, as possíveis fugas para escrita e devolução em tempo hábil por parte das participantes. Contudo, percebe-se uma vinculação desse instrumental, nitidamente imbricado na pesquisa qualitativa, uma vez que produz história no relato das experiências, bem como possibilidades de novas realidades.

“Nomear o que fazemos, em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva ou como experiência dotada de sentidos, não é somente uma questão terminológica” (Larrosa, 2018, p. 17). Nesta pesquisa, as narrativas configuram-se em um canal de escuta às participantes, de modo não convencional. No caso, as narrativas foram redigidas de próprio punho ou digitadas; cada participante produziria a sua escrita e a enviaria no seu tempo, respeitando seus compromissos prévios, bem como sua disposição para fazê-la quando fosse conveniente, compartilhando-a apenas com a pesquisadora. Essa entrega seria em mãos, momento em que haveria um diálogo sobre as narrativas produzidas.

Após esse encontro individualizado com as participantes, ao ler os materiais, pretensiosamente acreditando estar despida do papel de professora das acadêmicas, deixo conta do quão complexo é narrar a si mesmo e compartilhar memórias e “seus escritos”. Wittizorecki *et al.* (2006) apontam que algumas dessas dificuldades estão no próprio ato de firmar um registro escrito, na sistematização dos fatos e na própria *produção textual*, ainda mais se esta será entregue a uma pesquisadora que também é a professora.

*Oi, prof. Vê se é mais ou menos isso, qualquer coisa, me envia novamente (Participante 2, grifo próprio)*

*Não sei se me expressei como seria. Espero ter ajudado. (Participante 7, grifo próprio)*

---

<sup>2</sup> Esclareço que o termo *uso* é designado tanto no título desta seção, quanto em outras passagens do texto, pela sua função de aplicabilidade, do próprio ato intencional de algo planejado para ser feito, e não pelo viés meramente utilitarista.

Oi, professora! **Espero que esteja tudo certo** e que as minhas respostas possam somar ao teu trabalho. Boa sorte!!! Ótimo fim de semana!!! (Participante 8, grifo próprio)

Espero, **apesar do atraso**, poder te ajudar. (Participante 9, grifo próprio)

Tomando os excertos das formandas, corrobora-se que, embora se reconheça a narrativa escrita como ferramenta potente de construção de (auto)conhecimento, é relevante considerar que existiram alguns desafios no processo, como os citados por Wittizorecki *et al.* (2006). Os desafios foram trazidos pelas formandas geralmente ao final das narrativas, quase como um “P.S.<sup>3</sup>”, reforçando a ideia de insegurança, principalmente quanto à produção textual e à relevância/contribuição desses escritos para com a pesquisa/pesquisadora.

Contudo, reitero que as narrativas são uma estratégia metodológica significativa para conhecermos, analisarmos e refletirmos sobre o contexto da ação/formação e da prática acerca do objeto que pretendemos investigar. É claro que existiram dificuldades no processo. Uma delas concerne ao tempo de produção do material, que foi de aproximadamente dois meses para o retorno das nove narrativas, um fator que deve ser levado em conta no planejamento das pesquisas futuras. Por outro lado, também houve registros de pertencimento e de solidariedade das formandas para com a pesquisadora/pesquisa.

Oi, profe. Estou enviando minha narrativa **para ajudar na sua tese**. (Participante 1, grifo próprio)

Sempre que precisar, **pode contar comigo!** Estou com saudades das suas aulas!!!! (Participante 3, grifo próprio)

Deixo aqui meus mais **sinceros agradecimentos por essa oportunidade**, bem como meus votos de pleno sucesso à doutoranda. (Participante 5, grifo próprio)

---

<sup>3</sup> *Post scriptum*, geralmente abreviado como P.S., é um indicativo de algo que se julga necessário acrescentar a um escrito após o seu encerramento.

Logo, as vivências tidas com essas nove formandas foram parte de um grande processo autoformativo também para mim, tendo proporcionado grandes experiências de formação para todos os envolvidos na pesquisa.

### Notas finais: narrativas como possibilidade de *enxergar o mundo*

Quando mobilizamos o aporte das narrativas, estamos diante de muitas histórias, cujo teor de verdade não nos cabe julgar, como dito anteriormente; cabe considerar, isso sim, os sentidos que produzem em quem as escreve e em quem as lê, e é fato que esses escritos nos ajudam a *enxergar o mundo* com outros olhos. Há de considerarmos que o pesquisador também vive um momento de autoformação (acadêmico e humano), rememorando, refletindo e construindo consciência/experiência sobre o processo vivido, envolvendo a si e aos outros.

As narrativas que chegam ao pesquisador são um extrato do que foi produzido, porque algumas ficam para trás, já que nem todos os participantes que convidamos as escreverão ou entregarão. Elas nos dizem muito a respeito das histórias de vida e dos conhecimentos construídos durante a trajetória que se investiga. Quem narra reflete e compreende aspectos da sua formação, da sua vida, dos seus conhecimentos, que muitas vezes, até então, não eram percebidos. Esse processo de refletir leva à experiência, mediante a reflexão sobre o que aprendeu, o que tem que estudar/pesquisar, como enxerga sua ação pedagógica, o que já realizou e o que ainda deseja realizar.

A pesquisa foi um processo altamente reflexivo. Além disso, como escreveu Cunha, “este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando sua trajetória” (1998, p. 40). Com as narrativas, esperava-se que as acadêmicas relatassem momentos da sua formação, em especial os que se referiam às construções relacionadas à infância e à educação infantil, objeto central da investigação. Além disso, foram narradas muitas outras histórias, tanto no papel quanto no dia da entrega da narrativa.

Por fim, registra-se que este texto foi escrito anteriormente à pandemia mundial de Covid-19, que exigiu medidas de distanciamento social por parte das pessoas e das

instituições e que, portanto, tem impacto também nos modos de fazer as pesquisas, agora afetadas pela nova condição de vida. Essa estratégia metodológica poderá ser mobilizada pelos pesquisadores, pois, ao fazer uso das narrativas, estas podem ser mediadas pelas tecnologias digitais, um modo seguro e possível de dar continuidade às investigações.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a Memória é de quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. In: **HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO/ASPHE**: n. 8. Pelotas: UFPel, 2000. p. 141-174.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. [Brasília, DF]: Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/22917581](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/KujrwoTZC2Mb/content/id/22917581). Acesso em: 13 jan. 2020.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: JM Editora, 1998.

LIMA, Samantha Dias de. Narrativas escritas: o que ‘narram’ as formandas de pedagogia sobre suas aprendizagens acerca das infâncias durante a graduação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz, v. 25, n. 3, p. 237-255, 2017. <https://doi.org/10.17058/rea.v25i3.9728>

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Realidade**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-208, 2007.

FERRER, Cervero. La crítica como narrativa de las crisis de formación. In: LARROSA, Jorge. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995. p. 11-51.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PINTO, Júlio Pimentel. Todos os passados criados pela memória. In: LEIBING, Annette e BENNINGHOFF-LÜHL, Sibylle (orgs.). **Devorando o tempo**: Brasil, o país sem memória. São Paulo: Mandarim, 2001. p. 293-300.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, v.14, n. 1, p. 37-64, 2003.

THOMSOM, Alistair. Reconpondo a Memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, p. 51-84, 1997.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz et. al. Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do(a) pesquisador(a). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 02, p. 09-33, 2006.

Recebido em: 03/01/2022

Revisões requeridas: 02/03/2023

Aprovado em: 26/04/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 24 - Número 56 - Ano 2023  
revistalinhas@gmail.com